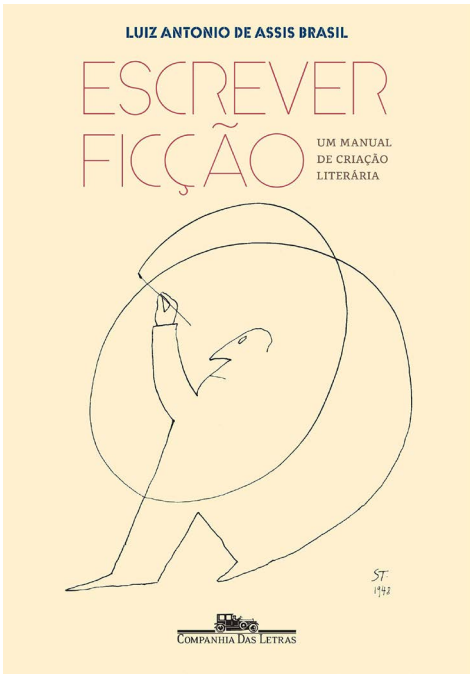
resenhas



Escrever Ficção: um manual de criação literária
Luiz Antonio de Assis Brasil
(colaboração de Luís Roberto Amabile)
Companhia das Letras, 2019
396 páginas

O artesanato das palavras

Carol Bensimon

Caminho na beira do rio em Little River, Califórnia. Sequoias, abetos de Douglas e samambaias em ambos os lados. Não chove há quatro meses. A água em fricção com as pedras no leito do rio mirrado faz um barulho de rádio, a ponto de eu realmente achar que alguém está escutando um debate político no meio da floresta ou qualquer outra coisa que envolva vozes sobrepostas. É bem estranho. Penso: esse é um detalhe que posso

ISSN 2526-4966

usar em algum texto de ficção, talvez com o cartaz que alerta para a aparição recente de um puma ("eles têm tanto direito quanto a gente de estarem aqui", disse a vizinha outro dia. Eu diria que eles têm mais direito). Penso: há quanto tempo esse tipo de coisa ocupa minha cabeça? Há quanto tempo essa espécie de filtro-da-ficção capta partículas de realidade para que então eu as armazene em potes fechados a vácuo com rótulos imprecisos, sem muita ideia de quando vou precisar delas? Provavelmente, desde 2003, quando todas as quintas à tarde ia para a oficina literária do professor Luiz Antonio de Assis Brasil, na PUCRS. Naquela época, Assis Brasil já tinha mais de 15 anos de experiência à frente daquele curso de dois semestres tão famoso em Porto Alegre — e logo em todo Brasil —, enquanto eu era apenas uma estagiária em uma agência de propaganda que imitava Caio Fernando Abreu quando me sobrava tempo para escrever. Meus personagens tinham signos astrológicos e era sempre noite lá fora.

A primeira função de um professor de criação literária, acredito eu, é remover o verniz de ingenuidade dos recém-chegados. Para quem é, antes de tudo, um leitor, o texto de ficção pouco revela do seu processo de construção minuciosa, e então é preciso mostrar como os pedaços se encaixam e como se constrói tal ou tal efeito. Em uma oficina literária, pode ser muito fácil deixar que as discussões em grupo derrapem em achismos de toda ordem, que acabam progressivamente por nos afastar do objeto em análise. Assis Brasil é muito bom em evitar isso. Ele é um formalista que não usa a palavra formalista. Suas aulas nos lembram de que o problema de quem está começando a escrever não costuma ser o excesso de autopoliciamento — como muitos acham ser o caso —, mas a falta de ferramentas necessárias para uma espécie de autoconsciência literária.

Com o lançamento recente de *Escrever ficção: um manual de criação literária*, Assis Brasil coloca suas reflexões e seu método ao alcance de todos. Composto por capítulos que tratam dos elementos mais essenciais da ficção — personagem, espaço, tempo, estrutura e outros —, o manual é uma longa conversa com um escritor experiente que nunca para de refletir sobre seu ofício. No livro, há incontáveis trechos de romances que ilustram sua argumentação, além de uma troca de impressões com um hipotético ex-aluno que está desenvolvendo a ideia para uma narrativa longa. Esse diálogo atravessa *Escrever ficção* do início

ao fim, abarcando dúvidas muito frequentes, e deve ajudar quem se encontra em enrascadas semelhantes.

Para Assis Brasil, toda narrativa deve irradiar de um personagem. Quando você abandona um romance porque não acredita no que está lendo, "não é do romance que você duvida", argumenta, "é o personagem que não convence". Uma ideia promissora para um romance, portanto, partiria antes de um personagem consistente do que de um enredo sedutor ou de uma estrutura inventiva. *Consistência*, aliás, é o conceito que Assis Brasil propõe como substituto de *profundidade*: "se profundidade significa a medida que vai da superfície ao fundo, consistência espraia-se também no sentido horizontal, englobando uma tridimensionalidade nas relações do personagem com o mundo criado pela história. Dizer que um personagem é consistente significa que não apenas vemos lógica *externa* em tudo o que ele faz, mas também detectamos que ocorre sua plena fusão com a história. Entre história e personagem deve haver uma tal simbiose que faça pensar que ambos nasceram *juntos* e *por si mesmos*."

Gosto do termo "oficina literária" porque *oficina* nos faz lembrar que escrever ficção é, também, um artesanato; um trabalho de precisão, insistência, planejamento.

Por mais humano que pareça, um personagem é construído por palavras, o que significa que ele será o que *eu* decidir dizer sobre ele. Se uma câmera pode captar o ser inteiro — pelo menos no sentido físico —, no meu texto, devo escolher as características que desejo transmitir em relação àquele personagem. Não é uma escolha aleatória, embora muitas vezes pareça. Falo da calça, do nariz, do cabelo? Falo das botas, do anel, das orelhas? "O ficcionista deverá criar seu personagem de modo que se exponham as características que o tornam único", escreve Assis Brasil; portanto, alertando para aquele tipo de descrição que, se parece cumprir as exigências do realismo literário, na verdade faz com que o personagem — de terno e sapatos sociais e nariz adunco e óculos redondos — pareça um arremedo genérico profundamente desinteressante. Como, então, tornar o personagem único? Continua Assis Brasil: "Pela soma e superposição de atributos da mais variada natureza, em geral contrastantes, aqueles que interessam à história que vamos escrever". Como exemplo, o professor fala do Sr. Ulme, personagem de Afonso Cruz no romance *Flores*, que tem sobrancelhas de cachoeira, lábios grossos,

anda pelas escadas do prédio com as cuecas aparecendo, e jamais viu uma mulher nua.

Às vezes, fico curiosa para saber como os escritores criam esse feixe de detalhes. Sempre fui uma crítica severa em relação à ideia de "ficha do personagem", que parecia me remeter às intermináveis partidas de RPG da adolescência (um valor para força, um valor para destreza, uma lista de poderes especiais etc.). Em outras palavras, parecia algo esquemático demais, que sugava qualquer vislumbre de humanidade. No entanto, não tenho dúvida de que, antes da empreitada que é escrever um romance, o rascunho do personagem já precisa estar em nossa cabeça. Não se trata de escrever um roteiro, ou de engessar o personagem para sempre a um papel previamente pensado, mas de levá-lo para passear, imaginar situações, coisas da vida. O fato de o Sr. Ulme jamais ter visto uma mulher nua foi provavelmente algo pensado em um momento anterior à escrita, em um desses passeios ao mundo ficcional em construção aos quais me refiro. O fato de ele andar com as cuecas visíveis pode ter surgido no momento da escrita propriamente dita, numa "consulta" aos potes de detalhes guardados em nossa cabeça. Mas isso é apenas uma suposição.

Escrever ficção não é somente recomendado para os iniciantes; escritores mais experientes e professores de Escrita Criativa vão encontrar na obra inúmeros ponto de interesse. A discussão sobre *onisciência contemporânea* — termo emprestado de Alicia Rasley —, no capítulo dedicado à focalização, me atraiu particularmente. Há também uma interessantíssima compilação e análise de dez finais de romances de Ian McEwan. Sobre final, aliás, alguém acreditará se eu disser que chorei na última página? Assis Brasil acreditará? Uma surpresa. Achei que se tratava, "apenas", de um manual para escrever melhor. ■

Carol Bensimon

Vencedora do Prêmio Jabuti de Melhor Romance em 2018 com *O clube dos jardineiros de fumaça*, e duas vezes finalista do Prêmio São Paulo. É mestre em Escrita Criativa pela PUCRS. Estreou na ficção, em 2008, com as narrativas de *Pó de parede*. Também publicou os romances *Sinuca embaixo d'água* e *Todos nós adorávamos caubóis*. Em 2012, integrou a edição *Os melhores jovens escritores brasileiros*, publicada pela revista inglesa Granta. Seus livros foram lançados na Espanha, Argentina, Estados Unidos e Itália. Atualmente, vive em Mendocino, Califórnia, e ministra oficinas de escrita à distância pelo site https://carolbensimon.thinkific.com.